
História Oral: potencialidade e possibilidades

A potencialidade da História Oral está no fato de ela poder ser utilizada fora dos limites da cultura acadêmica: nos museus, nos meios de comunicação, em centros comunitários e outras instituições.

Entre as possibilidades, vale destacar o uso da História Oral para a gerontologia, para a qual o processo de reminiscência de pessoas idosas tem implicações sociais. O *Age Exchange Reminiscence Centre*¹ é uma instituição inglesa que tem realizado intensa atividade no campo da reminiscência ao longo dos anos, produzindo peças, livros e exposições baseadas em memórias de pessoas idosas. Essa instituição tornou-se, também, um museu do cotidiano, com objetos e utensílios que datam do começo do século, onde as pessoas idosas são encorajadas

1 *Age Exchange Reminiscence Centre*
Camden Row, Blackheath, London SE3 OQA, UK.

a manusear objetos que fizeram parte de suas vidas e a falar de suas experiências. Dessa forma, além de estimular a memória, o Centro permite o desfrute do lazer, do convívio, que se mostram, na verdade, atividades terapêuticas.

Na prática didática, um projeto de História Oral pode ser desenvolvido em diferentes contextos, tanto iniciativa individual quanto trabalho coletivo: em pré-escolas, no ensino fundamental e médio, nas universidades, na educação de adultos. É bastante expressiva a quantidade de material impresso e audiovisual produzido por conceituados editores, para fins didáticos, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Para os professores de História, um projeto de História Oral abre os caminhos para a exploração da história local e de temas contemporâneos. Mas um projeto de História Oral não se limita a professores de História; ele pode também, ser desenvolvido por professores de Língua Portuguesa, Geografia, Educação Artística ou pode auxiliar a integração entre essas áreas numa pesquisa interdisciplinar. Nessa perspectiva, esse trabalho possibilita a discussão e o sentido de cooperação no grupo, desenvolve habilidades com a própria linguagem, colaborando, assim, para o aprendizado dos alunos.

A partir de centros comunitários e associações de bairro é possível reconstruir a história local, bem como a consciência do grupo. Entretanto, como afirma Paul Thompson (1992: 22), “a História Oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema –, pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”.²

A História Oral possibilita novas versões da História ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e par-

2 As diferentes possibilidades da História Oral são apresentadas pelo autor no capítulo dedicado à “História Oral e Comunidade”.

ticiparam de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário. O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial.

O oralista italiano Alessandro Portelli (1981: 96) afirma que “a primeira coisa que diferencia história oral, é que ela nos diz menos a respeito dos acontecimentos em si do que do seu significado. Isto não quer dizer que a História Oral não possua interesse factual, entrevistas muitas vezes revelam fatos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de fatos conhecidos, e elas sempre jogam uma luz nova sobre aspectos inexplorados da vida cotidiana das classes não-hegemônicas”.

Para esse mesmo autor, “o testemunho oral tem sido amplamente considerado como fonte de informação sobre eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permite recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como, também, a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história” (1993: 41).

No nosso entender, a grande potencialidade da História Oral é que essa permite a inte-

gração com outras fontes, a confrontação entre as fontes escritas e orais e a sua utilização multidisciplinar. Mas a fonte oral é resultado da relação e interação entre informante e pesquisador. Por isso, considero fundamental que esse trabalho seja feito por um historiador/sociólogo/antropólogo ou, no mínimo, que o projeto seja orientado por um desses profissionais, levando-se em conta a formação específica e os métodos de pesquisa e análise do cientista social. Entretanto, o resultado de uma pesquisa em História Oral irá depender da cultura histórica do pesquisador e da sua base teórica.

Os depoimentos resultam em fontes históricas que são, por excelência, qualitativas, mas todo pesquisador deve-se valer de todas as fontes disponíveis, a fim de obter um quadro, o mais enriquecedor possível, do período ou tema em análise.

Metodologia de Coleta e Utilização da História Oral

A realização de uma pesquisa utilizando a metodologia da História Oral pressupõe a necessidade de um conjunto de orientações. A descrição sumária que faremos a seguir é fruto da bibliografia a que tivemos acesso no Brasil e no exterior, e principalmente da experiência adquirida com a implantação e coordenação de dois projetos – Museu da Imagem e do Som e Memorial do Imigrante/Museu da Imigração, ambos da Secretaria de Estado da Cultura, e sobre os quais falaremos mais adiante.

Interessada em aprofundar, utilizar e valorizar a metodologia de História Oral em trabalho acadêmico, ingressei no curso de pós-graduação no Departamento de História da FFLCH/USP, em 1988, elegendo como objeto de estudo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP, utilizei para a pesquisa a metodologia de História Oral. O trabalho, que resultou numa dissertação de mestrado, teve por objetivo contribuir para as discussões e estudos teóricos e meto-

dológicos sobre o uso de fontes orais no trabalho historiográfico. Essa pesquisa transformou-se na obra intitulada *Reminiscências*, publicada pela editora Maltese, em 1993.

No mesmo departamento, apresentamos projeto de pesquisa para o ingresso na pós-graduação, nível de doutoramento, em 1996. A pesquisa resultou na tese *Falam os Imigrantes: ... Memória e Diversidade Cultural em São Paulo*, apresentada e aprovada em abril de 2001.

Partindo do registro da memória de alguns grupos de imigrantes, com o intuito de reconstruir parte da história social do processo imigratório para o estado de São Paulo, esse trabalho procura evidenciar uma história comum a todos esses grupos, particularmente os traços culturais e de que maneira eles (re)construíram e vivenciaram as suas identidades étnicas no país adotivo. Apresenta uma análise sobre o uso de fontes orais no trabalho historiográfico e, utilizando a História Oral como metodologia de pesquisa, busca, por meio de fontes orais, o registro histórico a partir da memória de cada grupo e da problemática interna de cada um deles.

Aborda, também, o processo histórico da imigração e da constituição de 10 grupos nacionais/étnicos em São Paulo: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San

Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos.

Destaca, ainda, a importância da imigração para o estado, pois os imigrantes, com o seu trabalho, seus dramas e trajetórias pessoais, participaram das principais transformações econômicas e sociais ocorridas no estado de São Paulo, a partir do final do século XIX.

Elaboração de Projeto

O primeiro passo a ser dado é elaborar um projeto, definindo o tema e os propósitos da pesquisa. Ao se eleger um tema, é importante que esse seja relevante para as questões históricas mais amplas. Sendo um método por excelência voltado para a informação viva, a História Oral abarca o período contemporâneo da História. Portanto, após a definição do tema, há que se definir o nome das pessoas a serem entrevistadas. A relação de nomes nunca é definitiva, pois, muitas vezes, um depoente leva-nos a descoberta de outros; algumas vezes, a pessoa eleita pode declinar do nosso convite. Nessa modalidade de trabalho, corremos o risco de gravar memórias confusas e debilitadas, pois na velhice pode ocorrer nas pessoas o fenômeno da senilidade com perda ou descontrole da memória.

Na pesquisa sobre a FFCL/USP, a primeira seleção foi realizada a partir do levantamento de nomes no Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP do período enfocado. Da listagem inicial, que privilegiou as décadas de 30, 40 e os primeiros anos da década de 50, algumas pessoas não aceitaram o convite, alegando compromissos profissionais ou familiares; outros demonstraram resistência à idéia da entrevista gravada. Durante o desenvolvimento do projeto, houve também falecimentos de pessoas que constavam da nossa listagem.

Há que se preocupar com a qualidade e não com a quantidade de entrevistas a serem realizadas. Além disso, não se deve limitar o tempo de duração das entrevistas, e essas devem respeitar sempre a velocidade e as formas de se expressar de cada indivíduo. O entrevistador não deve levar o entrevistado à exaustão, pois ele pode falar compulsivamente por várias horas ao rememorar o seu passado. Acredito que uma entrevista não deva ter mais que duas horas de duração.

Pesquisa

Uma vez definido o tema, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o objeto

de estudo, passamos, então, à fase da pesquisa bibliográfica, biográfica e investigação exaustiva em fontes primárias e secundárias. Confeção de fichas bibliográficas e de cronologia colaboraram para o bom desempenho da pesquisa.

Em um projeto de História Oral deve-se sempre elaborar fichas biográficas a partir do currículo do entrevistado e também uma cronologia da trajetória, marcos significativos da pessoa e/ou assunto em questão. Obviamente, conhecendo o assunto, o entrevistador poderá se sentir mais seguro na realização de uma entrevista. Além disso, o entrevistador estará lidando com a memória que, às vezes, pode ser vaga em relação a coisas que aconteceram e, por isso, o entrevistador pode e deve ajudar as pessoas a resgatar as suas memórias, principalmente quando for solicitado.

Nesse trabalho percebemos que muitas vezes as pessoas confundem datas, acontecimentos, nomes de pessoas, de cidades ou de instituições; percebemos também – como no projeto sobre a FFCL/USP – que os depoentes, por serem pessoas intelectualizadas e bastante expressivas na cultura brasileira, tornaram-se mais acessíveis, à medida que, no decorrer da entrevista, notaram que estávamos familiarizados com o assunto, ao ajudá-los a esclarecer nomes e datas em algum momento. Sem dúvida, podemos

provocar desinteresse por parte do depoente, se esse – letrado ou não – perceber o nosso desconhecimento sobre o assunto abordado.

Verena Alberti aponta que “na História Oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial e peculiar, uma vez que é realizando uma pesquisa em arquivos, bibliotecas, etc. e com base em um projeto que se pode produzir entrevistas que se transformarão em documentos, os quais, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta e documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém das fontes já existentes material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início” (1989: 45).

O Roteiro

A partir da definição do tema e da realização da pesquisa elabora-se um roteiro geral para as entrevistas. Todo entrevistador precisa saber como conduzir a sua entrevista, as questões mais importantes a serem perguntadas e até onde ir nessa entrevista.

No nosso entender, uma entrevista sem roteiro e direção tende a ser subjetiva e sem dados realmente fundamentais para a pesquisa. Por um lado, o que o depoente considera relevante pode não ser, do ponto de vista de nosso trabalho. Por outro lado, levantar questões é útil para as pessoas que falam pouco ou que têm certa dificuldade de se expressar oralmente.

Em nossos projetos elaboramos um roteiro amplo e abrangente, que é utilizado em todas as entrevistas, para se garantir uma certa unidade dos documentos produzidos. Porém, normalmente fazemos uma diferenciação nos roteiros destinados a homens e mulheres e às diferentes atuações profissionais de cada um.

A aplicação dos roteiros nas entrevistas não é feita de forma rígida, uma vez que muitas questões vão surgindo naturalmente no discurso do depoente no transcurso da entrevista e, essas, às vezes, nos suscitam outras. Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, e cada entrevistado mostra-nos diferentes interesses na abordagem de determinadas questões.

É preciso deixar claro que nosso roteiro tem caráter temático e não se restringe à trajetória de vida de nossos entrevistados. Consideramos estritamente aquela parte da vida do entrevistado ligada ao tema de estudo. Levamos sempre

em consideração a área de interesse e atuação do depoente e a especificidade do tema, relacionando-as sempre que possível.

Em geral, o roteiro segue uma ordem cronológica da trajetória dos entrevistados: origem, formação, influências, marcos significativos. Não há nenhuma rigidez nesta ordem cronológica: cada depoente segue rumos mais ou menos sequenciais, embora, em algumas ocasiões, ele dê saltos altos com intenção de evitar algum período ou situação embaraçosa em sua vida.

Muitas vezes, o depoente nos introduz importantes questões não previstas no roteiro original, o que resulta em um enriquecimento da pesquisa. Procuramos manter sempre o controle da entrevista no sentido de garantir as perguntas e/ou questões não abordadas pelo depoente.

Deve-se evitar o fornecimento do roteiro ao depoente antes da entrevista. É comum pessoas socialmente importantes – ou seus assessores – nos pedirem previamente a pauta ou roteiro. Forneça-a somente se esta for a condição da realização da entrevista, pois o contato prévio induzirá o depoente a tentar elaborar respostas, tirando a espontaneidade da fala. Além disso, ele poderá ficar angustiado e tenso pelo fato de não se lembrar das respostas premeditadas.

A Entrevista e suas Estratégias de Condução

Após a elaboração do roteiro e mediante a lista dos possíveis entrevistados, passamos a contatar e a agendar as entrevistas com as pessoas que concordem em dar o seu depoimento. O contato inicial é feito por telefone, durante o qual informamos ao entrevistado sobre o propósito do projeto e da importância de seu depoimento para a realização da pesquisa.

Antes do início da entrevista, asseguramos aos nossos entrevistados que, naquela entrevista, ele terá todo o direito de não opinar sobre aquilo que não lhe for conveniente, solicitar o desligamento do equipamento, quando considerar necessário, ou mesmo censurar trechos da entrevista gravada e da sua respectiva transcrição.

Procuramos também, em toda entrevista, ter o cuidado de não interferir na fala e nunca fazer nenhum juízo de valor. Ou seja, ouvimos experiências e interpretações e em nenhum momento a nossa opinião pessoal sobre determinada questão é colocada. A nossa preocupação – e da História Oral – é garantir a visão de mundo, as idéias, os sonhos e as crenças dos depoentes. Nessa narrativa, a imaginação se mistura com a realidade.

A nossa experiência como entrevistador pesa bastante na condução das entrevistas. Acre-

ditamos que um bom desempenho na realização de uma entrevista depende de conselhos e informações obtidas de livros e manuais específicos sobre o método da História Oral, mas esse bom desempenho está diretamente vinculado à práxis. Saber entrevistar se aprende entrevistando.

Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencerem a diversas faixas etárias e diferentes condições socioeconômicas e culturais, estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão.

Geralmente, conseguimos atingir uma certa empatia e estabelecer alguma cumplicidade com os entrevistados na tarefa proposta. Enfim, a nossa intuição e sensibilidade, aliadas à experiência de escuta, ainda constituem os melhores instrumentos de que dispomos para a nossa finalidade de registrar narrativas orais, que tornam-se evidências e dão sustentação à memória histórica.

Em uma situação de entrevista, o entrevistado sempre espera que o entrevistador faça alguma pergunta. Se isso não ocorrer, o entrevistado ficará perturbado, surpreso e assustado, não sabendo o que fazer.

A entrevista puramente espontânea não existe. A questão é saber o quanto devemos perguntar e desenvolver as nossas questões. Isso irá depender do tipo de pessoa que entrevistaremos. Algumas pessoas mais idosas não são muito falantes. Essas necessitam da nossa ajuda, com perguntas, para saberem exatamente em que estamos interessados. Mas existem outros tipos de pessoas que são mais confidentes, articuladas, e que detêm um maior grau de informação.

Uma regra básica em História Oral é que nunca devemos interromper uma fala e nunca devemos demonstrar desinteresse. Se o entrevistado se distanciar muito da questão em pauta devemos aproveitar uma pausa e com muito tato dizer: “isto é muito interessante, mas...”. Dependendo do jeito que interrompemos um assunto, poderemos reprimir o depoente e não conseguirmos o que realmente queremos ouvir. Aliás, saber ouvir as pessoas é uma característica fundamental do pesquisador, que utiliza a História Oral como instrumento em sua pesquisa.

Como já dissemos anteriormente, as questões colocadas devem ser sempre neutras e nunca devemos colocar nossa posição ou fazermos qualquer julgamento. Tampouco, devemos demonstrar não estarmos acreditando nas palavras

do depoente, mesmo quando percebemos que o seu discurso não é natural e verdadeiro. O entrevistador deve saber respeitar a lógica e o ritmo de cada entrevistado. Muitas vezes, as pessoas, ao buscarem a sua memória, acabam refletindo sobre o próprio passado, emocionando-se. Devemos saber respeitar as lágrimas e os momentos de emoção que se apresentam durante a entrevista. Às vezes, o silêncio é eloqüente e pode tornar-se um forte elemento na interpretação da entrevista.

As perguntas devem ser colocadas da forma mais simples, direta e natural possível. Isso não é fácil de se fazer durante a entrevista. A improvisação tende a nos levar à confusão. Por isso, a elaboração das perguntas deve ser feita junto com a confecção do roteiro. Indubitavelmente, uma melhor relação entre entrevistado e entrevistador será estabelecida se este último estiver bem familiarizado com as perguntas e com o assunto. Se a formulação da pergunta é feita de forma complicada, o entrevistador pode se embaraçar na apresentação da mesma, ou o depoente não entendê-la.

Procuramos também evitar perguntar duas coisas ao mesmo tempo, caso contrário, corremos o risco de obtermos somente parte da resposta. A formulação da questão depende do tipo de resposta de que necessitamos: devemos

formular uma pergunta que conduza nosso entrevistado a uma resposta precisa.

Aprendemos a não dizer “sim”, “sim”, a não emitir qualquer tipo de som ou a fazer qualquer tipo de comentário durante a entrevista. Procuramos fazer movimentos com a cabeça ou sorrir, pois sabemos que esses gestos encorajam as pessoas a falar.

Procuramos evitar questões fechadas, que normalmente levam as pessoas a responder sim ou não, e optamos pelas questões abertas que as levam a falar mais. Esse tipo de trabalho exige memória rápida e muita concentração, para não repetirmos questões, e muita atenção à consistência e possíveis contradições do depoente. Um caderno de campo, para essas ou outras observações, enriquecerá a pesquisa e será de grande utilidade para o pesquisador no momento da análise do conteúdo.

Os entrevistados, quando formadores da elite artístico-cultural do país, por um lado, impõem-nos uma melhor preparação por se tratar de pessoas altamente intelectualizadas e expressivas; mas por outro lado, justamente por serem pessoas muito articuladas, acostumadas a falar em público com muita frequência, demonstram muita facilidade em seus discursos orais espontâneos. Nenhuma estranheza ou hostilidade ao equipamento tem sido por mim perce-

bida, mesmo por parte das pessoas mais simples e com vida menos “glamourosa”. Percebo nas pessoas que entrevisto para o Memorial do Imigrante/Museu da Imigração uma certa gratidão por serem lembradas e suas vidas valorizadas, tornadas importantes e perpetuadas. Muitos entrevistados retornam inúmeras vezes ao Museu, como se aquele espaço físico fizesse parte de suas vidas ou como se eles fizessem parte daquele prédio, onde muitos deles ficaram alojados. Talvez por suas histórias cruzarem com a história do edifício, ao reencontrarem aquele lugar, reencontram o seu próprio passado, como se aquele espaço tornasse “real” a história que alguns tinham como uma ficção, uma história dramática permeada de incertezas, tristezas, perdas e abandonos. Muitos não sabiam os limites entre a imaginação e a realidade. Tinham apenas fragmentos nebulosos de memória, mesclados de sonhos e fantasias. Ao reconhecerem o espaço, alguns se reconhecem como personagens de uma “verdadeira” história.

Local da Entrevista

O local a ser realizada a entrevista deve ser determinado pelo entrevistado. Seja no trabalho ou na residência, deixe que ele escolha

sua cadeira ou sofá preferido, pois esses elementos, que integram o seu cotidiano, colaboram para seu bem-estar físico e psíquico.

Duração

A duração de uma entrevista, no meu ponto de vista, nunca deve ultrapassar duas horas de gravação. Em função das necessidades e objetivos da pesquisa, a entrevista poderá ter diferente caráter (ser do tipo história de vida ou temática) e exigir a realização em várias etapas.

Procedimentos Pós-Entrevista

Transcrição e Conferência

Dependendo dos propósitos de cada projeto, uma entrevista de História Oral terá uma forma final de apresentação. Quando se decide pela apresentação na forma escrita – é o caso dos projetos que têm objetivos acadêmicos –, ela deve necessariamente passar por algumas etapas.

A primeira delas é a realização da transcrição na íntegra das entrevistas gravadas e, em seguida, a leitura e conferência do material. Após

a digitação, o texto deve ser enviado ao depoente para correção de nomes próprios, termos técnicos e, quando necessário, complementação de frases. Alertamos nossos depoentes da necessidade de se garantir o máximo possível a originalidade e a espontaneidade das entrevistas, pois um discurso escrito elaborado torna a entrevista oral sem função. É nossa preocupação ser o mais fiel possível ao que foi gravado, dando mais importância ao conteúdo e menos à forma, entendida como estilo. Isto não significa que deixamos de retirar das transcrições as redundâncias e vícios de linguagem, em comum acordo com os depoentes. Apesar do alerta, cheguei a receber transcrição com mais de 50% de seu conteúdo alterado.

Na transcrição do discurso oral para o escrito deve-se, então, suprimir as palavras ou expressões repetidas, ou aquelas que forem retificadas pelo entrevistado. No discurso oral é muito comum as pessoas recorrerem a palavras ou expressões de função fática, que não têm um valor semântico no discurso: *por exemplo, quer dizer, entendeu?, justamente, realmente, assim, aí, sabe, não é?, então* – são vícios de linguagem ou palavras de apoio. São comuns e recorrentes na comunicação verbal, correspondendo à função fática da linguagem e servem “para prolongar ou interromper a comunicação, para veri-

ficar se o canal funciona, para atrair a atenção do interlocutor ou confirmar sua atenção continuada” (Jakobson, 1969: 126). Verificamos que, muitas vezes, o orador busca ganhar tempo para articular o que tenciona dizer.

Às vezes, por deficiência na construção de frases, o entrevistado omite o termo fundamental da oração. Nesse caso, deve-se acrescentá-lo quando este estiver claro no contexto. Se a entrevista for transformada em livro ou outro tipo de publicação, os erros gramaticais como concordância, regência, reordenação sintática das orações deverão ser corrigidos.

Por esses motivos, e para se evitar manipulações, é que o documento sonoro deve ser preservado e, sempre que possível, o pesquisador deve preferi-lo às transcrições. Todo esse processamento significa um exaustivo e longo trabalho. Geralmente necessita-se pelo menos seis horas de trabalho para transcrever uma hora de entrevista.

A desvantagem da transcrição de uma entrevista é que essa, de uma certa forma, impede a percepção de elementos importantes como o tom e velocidade da voz, as pausas, as lágrimas, etc. Embora a transcrição permita uma maior divulgação do material, a partir do momento em que se estabelece no depoimento a adoção de normas e padrões cultos rigorosos,

ela acaba descaracterizando a fala original e todo um contexto em que foi produzida. Alguns profissionais dedicam-se sobremaneira ao trabalho com o texto, transformando a entrevista original e dela se distanciando.

Embora algumas alterações na transcrição do depoimento sejam inevitáveis, como anteriormente dito, principalmente em se tratando de pessoas cultas e públicas, insistimos na idéia de que todo pesquisador, que é viciado na leitura de texto escrito, deve preferir o audiovisual.

Questões Éticas e Legais

Após a revisão final do texto, o entrevistado deve assinar um termo de doação do depoimento, seja à instituição, onde o projeto foi desenvolvido, seja ao entrevistador, em se tratando de pesquisa individual. Nesse termo, deverão constar possibilidades e restrições à consulta, que também vão ser definidas pelo doador. Dessa maneira, o pesquisador estará evitando possíveis problemas futuros com os descendentes e herdeiros do depoente.

Quanto à relação entre ética e História Oral, gostaria de destacar a realização de seminário sediado na PUC-SP, no qual discutiu-se especificamente a questão, resultando na edição do

livro *Ética e História Oral*, em 1995.¹ O texto de apresentação do catálogo salienta, argutamente, que “a incorporação de novos sujeitos históricos e de novos campos de investigação exigem, daqueles que trabalham com a História Oral, um esforço de crítica constante diante das múltiplas situações e dilemas encontrados. O respeito a diferenças e individualidades e a constante mutação de valores tornam imperativa, portanto, uma aproximação entre a História Oral e o estudo da Ética”.

À guisa de exemplificação, foram anexados modelos do termo de cessão gratuita de direitos sobre o depoimento oral, ficha catalográfica das coleções e termo de compromisso de uso.

1 O evento e o livro foram organizados pela pesquisadora Daisy Perelmutter.

História Oral x Projetos Individuais e Institucionais

Nas últimas décadas, assistimos à expansão desenfreada dos meios de comunicação de massa – jornal, rádio, televisão, cinema. Essa expansão colaborou para revalorizar a oralidade e a imagem, em detrimento do discurso escrito. Gravadores de fitas cassete e, mais tarde, as câmeras de vídeo foram incorporados ao cotidiano das pessoas. Hoje, os computadores dominam a cena: tempo de multimídia, sistemas interativos, vídeoconferências, satélites, Internet.

Seguindo a tendência de incorporar novas tecnologias, novas linguagens e novos temas, houve a proliferação de projetos de História Oral em museus de diversos países: o Ellis Island Immigration Museum (Nova Iorque); o Museu da Diáspora (Israel); o National Sound Archive (Londres); o Museu da Imagem e do Som-MIS, o de São Paulo e o do Rio de Janeiro, o Museu Marc Chagall (Porto Alegre) e mais recentemente o Memorial do Imigrante/Museu da Imigração,

em São Paulo, apenas para citar alguns exemplos. Vale também destacar a criação de diversos museus, departamentos de patrimônio histórico ou centros de memória, por empresas e instituições públicas e privadas, que se dedicam ao trabalho de resgate e preservação da memória histórica.

As experiências citadas anteriormente, entre outras, são voltadas para temas específicos; as questões históricas mais amplas ainda permanecem pouco exploradas. É como se não houvesse o movimento da história, o dinamismo e as mudanças que marcam as culturas. Ignoram-se as transformações ocorridas no mundo contemporâneo. Por um lado, talvez, há 30 ou 40 anos, não imaginássemos que o mundo tomaria os rumos que tomou na velocidade e proporções atuais. As novas tecnologias estão dominando a cena. O realismo deixou de ser fantástico para tornar-se virtual. *Bites*, *megabites* e *gigabites* determinam a potência e dinâmica no processamento das informações. Tempos de neoliberalismo, globalização da economia e, paradoxalmente, o renascimento de “nacionalismos” e conflitos étnicos. Sofisticação do Capital. Por outro lado, no campo social, os movimentos de trabalhadores do campo e da cidade, dos negros, das mulheres, dos *gays*, em busca de cidadania e melhores condições de vida, pressionam os poderes públicos e econômicos.

Entretanto, as transformações e as tendências do mundo contemporâneo são totalmente ignoradas pela maioria dos museus visitados, no Estado de São Paulo e em outros Estados. Eles se limitam ainda a privilegiar a taxidermia, a numismática, sacralizando a memória dos “heróis” locais ou nacionais. São espaços sombrios e enfadonhos, que pouco têm atraído um público, cada vez mais alienado pelos meios de comunicação.

Diante dessa perspectiva, faz-se necessário um balanço, um redimensionamento; enfim, atualizar os museus e reciclar os seus técnicos. Um museu deve refletir a sociedade que representa, expressando a sua realidade e os anseios/demandas da sociedade civil.

Há que se (re)considerar o papel dos museus: seu objetivo, sua abrangência, seus critérios de coleta de acervo, bem como neles incorporar novos suportes, novas linguagens e novas metodologias. Afinal, como é o que estamos coletando do século XX? Nesse contexto, a História Oral pode dar uma grande contribuição, ao registrar a experiência humana no mundo contemporâneo.

Embora um projeto individual, por exemplo, uma tese acadêmica, eleja a entrevista de História Oral como fonte privilegiada, produzindo um conjunto de depoimentos, um proje-

to institucional objetiva fundamentalmente a constituição de um acervo aberto ao público. Direito de acesso à memória histórica é também uma questão de cidadania. Um acervo criado a partir de um projeto institucional deve ser processado, catalogado e armazenado para consulta, garantindo, assim, a sua disseminação. Nessa perspectiva, assumimos a posição de que todo material produzido por projeto individual deveria ser preservado com a sua doação a instituições públicas.

Para a implantação de um projeto institucional faz-se necessária a elaboração de projeto de pesquisa que contenha objetivos, tema, recortes, metodologias e diretrizes a serem empregados. Outros procedimentos serão necessários em decorrência de especificidades de cada projeto de pesquisa. À guisa de exemplo, relato a seguir duas experiências antagônicas, porém bastante fecundas.

Ao longo de 20 anos de atuação na Secretaria da Cultura, tive a oportunidade de desenvolver dois projetos de História Oral. De 1987 a 1992, implantei e coordenei o Setor de História Oral no Museu da Imagem e do Som-MIS. Embora o MIS registrasse depoimentos em áudio de forma não-sistematizada, desde a sua fundação, foi a partir da criação do Setor que se implantou o *Projeto Depoimentos em Vídeo*, que

tinha por objetivo a produção de acervo pela realização de depoimentos com personalidades da área artístico-cultural do país.¹

O setor contava, além do coordenador, com um pesquisador e dois estagiários. A equipe técnica, que se revezava, era formada por dois técnicos de som e dois operadores de vídeo. A cada entrevista, realizávamos extensa pesquisa em obras de referência, bibliografias específicas, hemerotecas e, além disso, solicitávamos o currículo do entrevistado previamente. Durante as gravações, contávamos sempre com a presença de profissionais da área e/ou especialistas no assunto em questão, a fim de enriquecer o depoimento. O acervo foi constituído nos suportes vídeo VHS Pal-M, fita cassete e de rolo. A cada sessão era também feito registro fotográfico.

A maioria de nossas entrevistas foi realizada no estúdio de som do Museu da Imagem e do Som. Ali, contamos sempre com equipamento profissional e com a colaboração dos técnicos citados anteriormente, o que nos garantiu uma excelente qualidade nas gravações. Este material encontra-se armazenado na reserva técnica do MIS: as fitas matrizes estão preservadas no arquivo climatizado, que tem condições ideais de temperatura e controle da umidade do ar. As

1 No MIS, recolhi pessoalmente 120 depoimentos.

cópias estão disponíveis a pesquisadores e ao público em geral no Setor de Documentação desse Museu.

Esses recursos nos propiciaram condições ideais e nos pouparam dos cuidados técnicos com as fitas e com a câmera de vídeo, que todo entrevistador deve ter, para não correr nenhum risco e garantir qualidade na gravação.

Os depoentes eram cineastas, músicos, compositores, intelectuais. Eram, portanto, personalidades expressivas e bastante acostumadas a lidar com interlocutores, microfones, câmeras e luzes. Percebia-se, nesses entrevistados, uma grande necessidade em manter a própria imagem pública. As entrevistas eram temáticas, explorava-se o trabalho, o processo criativo e a realização de cada personagem. Porém, buscávamos também registrar a origem, formação, prováveis influências, contexto social e familiar; situações ou fatos que, às vezes, podem ser determinantes no encaminhamento do indivíduo para uma atividade profissional e/ou na sua atuação.

A segunda experiência, no entanto, diz respeito à história de “heróis anônimos”, que chegaram ao Estado de São Paulo em busca de condições dignas de vida e concretização de seus sonhos – os imigrantes. Foram mais de 2,5 milhões de imigrantes, sendo que a maioria veio

trabalhar na lavoura de café, em franca expansão para o interior do Estado.

Idealizei, implantei e coordeno, desde julho de 1993, o Setor de História Oral do Museu da Imigração, que integra o Memorial do Imigrante, órgão da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Registrar e preservar a memória do imigrante, respeitando a sua experiência como indivíduo, bem como a singularidade e a diversidade de mais de 70 nacionalidades, constituídas de diferentes grupos étnicos – esse é o objetivo básico do setor.

Para resgatar essa saga, sem esconder dificuldades e conflitos, dando voz à diversidade de versões, e fugindo da história oficial, homogênea e redutora, o Setor de História Oral tem priorizado entrevistar imigrantes anônimos e idosos. Afinal, esta talvez seja a última oportunidade para pessoas de 80, 90 e até 102 anos contarem suas experiências de mudança de país e integração numa cultura totalmente diferente. Das suas narrativas emerge um cotidiano rico em alegrias, aventuras, fantasias, sofrimento e resignação.

Os imigrantes são localizados por meio de suas igrejas, clubes, associações e instituições. Além disso, o Setor mantém um cadastro permanente no próprio Museu. As entrevistas têm sido realizadas pela autora e gravadas no Mu-

seu ou na residência dos próprios depoentes. Fotos e documentos apresentados pelo imigrante são contextualizados e identificados durante a entrevista. Esse material colabora no ato de rememoração e, ao mesmo tempo, enriquece o acervo documental – iconográfico, textual e tridimensional (objetos) –, seja ele emprestado para reprodução ou doado. Dessa maneira estamos colaborando na captação de acervo privado, sendo também um elo entre as famílias, as comunidades e o Museu.

O Uso do Vídeo

Concebido para registrar e preservar a história da imigração e, levando em consideração a importância da imagem e dos novos meios de comunicação no mundo contemporâneo, o projeto tem-se utilizado de gravações em vídeo (fitas VHS, no sistema Pal-M, e cassete), as quais são processadas conforme a metodologia da História Oral. O uso de um microfone de lapela melhorou sensivelmente a qualidade da gravação.

A utilização do vídeo na gravação dos depoimentos nos permite captar muito além das palavras: captamos os gestos das mãos, a expressão física e facial, os risos, as lágrimas, o

tom da voz, enfim, estórias de vida comoventes. Como dito anteriormente, de forma alguma, resistência à câmera de vídeo foi por mim registrada; pelo contrário, as pessoas que concordam em participar do projeto sentem-se lembradas e valorizadas. Em suas narrativas percebemos os seus dramas pessoais, que na verdade, foi um drama coletivo vivenciado por milhares de indivíduos.

A Transcrição

Nesse projeto, a transcrição tem sido uma das nossas grandes dificuldades, pois estamos lidando com uma infinidade de línguas e formas de expressão. Procuramos manter o “falar” do imigrante, tal como ele chegou até nós, com seus “estrangeirismos”, seu “sotaque”, enfim, seu estilo. Entretanto, alguns retoques no texto são indispensáveis, mas com muita cautela para não interferir no sentido, seja para evitar excessos de erros, seja para conter vícios da linguagem coloquial, que impeçam o fluir da leitura.

Procuramos manter a seqüência, o “naturalismo”, a espontaneidade, enfim, tentamos manter a entrevista tal qual se sucedeu, apesar das interferências na versão transcrita.